

## PEIRCE E LATOUR: DIÁLOGOS ENTRE DOIS MODELOS NÃO-DUALISTAS<sup>1</sup>

Tarcísio Cardoso<sup>2</sup>; Gustavo Rick Amaral<sup>3</sup>

O presente trabalho se propõe a apresentar, de forma breve, alguns resultados de um estudo comparativo entre dois modelos teóricos não-dualistas que têm se mostrado importantes para pesquisas interdisciplinares ligadas à cultura digital, a saber: a teoria semiótica de Charles Peirce e a teoria do ator-rede de Bruno Latour. Tal estudo visa contribuir para uma reflexão acerca dos modelos gerais de mediação, com aplicações possíveis em estudos sobre processos cognitivos e aprendizagem algorítmica, dentre outros. Tal abordagem se justifica como uma válida tentativa de alargar as reflexões sobre os modelos cognitivos baseados no conceito de representação e agenciamento em rede.

**Palavras-chave:** teoria ator-rede; semiótica; Latour; Peirce; cibercultura.

### A importância dos modelos não-dualistas para os estudos da cibercultura

O estudo das camadas de mediações técnicas de que a cultura digital está tão repleta pode ter muito a ganhar com a admissão de um prisma epistemológico não-dualista. Neste trabalho, propomos uma espécie de meta-reflexão (anterior a qualquer consideração sobre mídias digitais) sobre os modelos teóricos da semiótica de C. Peirce e a teoria do ator-rede (TAR) de B. Latour. Acredita-se que para muitos dilemas tecnológicos atuais associados a infraestruturas reticulares tais modelos não-dualistas podem fornecer subsídios para o estudo de sistemas cognitivos, ou sistemas com capacidade de auto-organização, aprendizagem,

---

<sup>1</sup>. Artigo apresentado ao Eixo Temático 16 – *Games / Processos de aprendizagem / Cognição* do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

<sup>2</sup>. Pesquisador e professor de ensino superior. Doutor em Tecnologias da Inteligência e Design Digital e participa do Grupo de Pesquisa *TransObjeto* (PUC-SP). E-mail: tscardoso@gmail.com

<sup>3</sup>. Pesquisador e professor de ensino superior. Doutor em Tecnologias da Inteligência e Design Digital e participa do Grupo de Pesquisa *TransObjeto* (PUC-SP). E-mail: gustrick@gmail.com

emergência de ordem etc., tão relevantes e presentes em temas como a internet das coisas, aprendizagem algorítmica, *big data*, *data mining* etc.

A semiótica e a TAR de formas diferentes trazem contribuições para o estudo de mecanismos dinâmicos, adaptativos e emergência de ordem em sistemas reticulares. Quando se trata de considerar os hibridismos cada vez mais fortes entre a esfera do “humano” e a dos “objetos técnicos”, ambas as teorias podem trazer importantes subsídios, especialmente ao destacarem a ideia de mediação, conceito chave para permitir semioses entre domínios classicamente entendidos como “subjetivos” e “objetivos”, propondo uma espécie de continuidade de cognições em todos os níveis sociotécnicos do digital.

Mediação e mecanismos sociotécnicos são temas centrais em dilemas interdisciplinares, especialmente ligados às ciências cognitivas, filosofia, antropologia, mas também nas questões da cultura digital. No caso específico dos estudos em cibercultura, Rifiotis (2012, p. 571-573) aponta dois equívocos renitentes: o primeiro diz respeito a uma atitude costumeira entre pesquisadores em tomar os objetos como exteriores ao lugar do próprio investigador (como se o observador pudesse ser sempre externo e neutro); o segundo diz respeito à tendência em se tomar a expressão “comunicação mediada por computador” em um sentido determinista, como se o computador fosse um mero *intermediário* neutro em um mecanismo de comunicação humano.

Do ponto de vista da teoria do ator-rede, em Latour, mediador se distingue de intermediário na medida em que o primeiro seria um agente tradutor e o segundo seria um mero transportador de dados (LATOURE, 2012, p. 65). Enquanto o intermediário é neutro no seu papel de veículo de significado, o mediador acaba por alterar, distorcer o significado original. Para o Rifiotis (2012), o computador ou qualquer suporte técnico deve ser tomado como um mediador (em oposição à ideia de intermediário), já que ele atua, isto é, exerce um papel ativo, condiciona e interfere no processo de comunicação.

Para Santaella (2007, p. 194-195), considerar os desafios mais emblemáticos da cultura digital significa ser capaz de ir além do suporte técnico da comunicação em sua característica midiática e ver ali a formação de uma cultura. Segundo a autora, os processos de produção de linguagem e pensamento relacionados às tecnologias midiáticas devem permitir uma aliança entre as dimensões da técnica e da epistemologia, entre as ciências sociais e a filosofia, de modo a ampliar a discussão para um cenário onde o problema da comunicação

toca o campo das ciências cognitivas, e onde a filosofia da técnica encontra a antropologia do pós-humano. É para lidar com este universo complexo que o conceito de mediação é central. Assim, ressalta a autora, se acentua a relevância tanto da abordagem etnometodológica, que destaca o mapeamento de controvérsias, quanto da abordagem semiótica, que ressalta a dimensão sígnica, sobre a questão da técnica.

Falar em mediações nos dá uma boa ocasião para lembrar que não há mediação sem signo. São os signos, a linguagem que abrem, à sua maneira, as portas de acesso ao que chamamos de realidade. [...] mas o papel que a linguagem desempenha nesses processos é sempre tão esquecido que tenho chamado de “ponto cego da retina”. (SANTAELLA, 2007 p. 189)

Se os signos são meios pelos quais nossas consciências podem acessar a realidade, o cenário dos algoritmos de inteligência artificial também deve ter nestes mediadores um fundamento que permita a modelagem do real por sistemas digitais. Diante desse cenário de adaptações e simbioses que borram as fronteiras entre físico, digital, biológico, tecnológico, é prudente evitar dicotomias, insuficientes para dar conta de tais complexidades epistemológicas e antropológicas.

### **Interfaces entre a teoria ator-rede (TAR) e a teoria semiótica**

Sabe-se que os postulados da TAR apontam para uma simetria radical entre pesquisador e pesquisado, sujeito e objeto, e as esferas do humano e do não humano, chegando inclusive a ecoar as ideias de uma ontologia plana (Latour, 2012, p. 295-296). Além disso, a TAR opõe-se à noção de *hilemorfismo* (separação entre matéria, *hylé*, e forma, *morphé*) tendo em vista equalizar do ponto de vista ontológico ideias e coisas e desconhecer qualquer distinção dualista entre espírito e corpo. Nesta linha, caminha também a semiótica peirceana, que propõe um sinequismo capaz de unir esferas aparentemente tão distantes como a resistência mecânica de um cristal e uma indagação da mente humana, uma vez que processos de representação em geral são formalmente idênticos. Se a semiótica é um modo de apresentar os mecanismos lógicos para esse contínuo entre pensamento-matéria, cabe indagar sobre a validade dessa continuidade. Guardariam as ideias uma relação com a realidade para além do sujeito cognoscente? Como conciliar essa relação?

Em um texto chamado *A fixação das crenças* (1877), Peirce argumenta que uma vez entendida a importância do raciocínio correto, seria indispensável um estudo sobre os “princípios orientadores do raciocínio”. Tal seria o objetivo da semiótica, como uma das ciências normativas. Naquele texto, o autor afirma que a utilidade de tal estudo está presente, por exemplo, no teste da validade das hipóteses. Uma vez que tanto uma hipótese correta quanto uma falsa são possíveis na investigação científica, não há uma concordância necessária entre as escolhas do investigador e o método que a cientificidade aprovaria (Peirce, 1993, p. 86). Esse afastamento é o que permite a inclusão do falibilismo na filosofia peirceana e a conciliação entre pragmatismo e semiótica. A mediação dos signos é o fundamento epistemológico da semiótica peirceana, pois todo pensamento ocorre por signos. Estes signos, por sua vez, podem ser genuínos ou degenerados. Isto é, podem representar terceiridades plenamente desenvolvidas ou terceiridades degeneradas. Qualquer iniciado na semiótica sabe, por exemplo, que enquanto um argumento (signo plenamente desenvolvido) desenvolve outros signos (em cadeia), um dicissigno ou um rema são signos degenerados, pois não levam, por si só a semiose adiante. De qualquer modo, todo mecanismo representativo depende de signos a fazer uma ponte entre o representado e o efeito da representação.

Se todo pensamento se dá por meio de signos, nada deve haver de estranho em conectar “ideias” e “coisas”, já que os signos (coisas que representam) são substitutos de outras coisas (objeto do signo), sendo as ideias os efeitos (interpretante do signo) de tais relações representativas. Do ponto de vista do sinequismo peirceano, absurdo seria segregar um mecanismo semioticamente ativo em duas partes alheias entre si, uma racional (*res cogitans*) e uma material (*res extensa*). Se nunca tivéssemos criado esta segregação artificial, se nunca tivéssemos sido modernos (como propõe Latour no seu famoso livro de 1994), estaríamos hoje, talvez, em condição de achar superada a ênfase de Latour no conceito de actante, tradução e mediação. Entretanto, o conceito de mediação parece ser bastante atual e estranho ao dualismo moderno, que desde Descartes domina no pensamento ocidental em diversas facetas dualistas e opostas.

O conceito de actante, na TAR, diz respeito àquilo que faz o outro fazer. Mas dada a sua proximidade com o conceito de mediador e de intermediário, propomos relacionar actante, em Latour, com a ideia geral de mediação (que englobaria tanto as noções de *mediador* quanto a de *intermediário*). Desse modo, do ponto de vista da semiótica peirceana, há duas interpretações possíveis para o conceito de *actante*: uma espécie de “actante pleno”

ou mediador (mecanismo dotado de autonomia e que atua em uma rede), e uma espécie de “actante degenerado” ou intermediário (mecanismo conhecido como “caixa-preta”, com capacidade apenas de realizar um potencial prévio, marcado, portanto, pela heteronomia).

Propomos, então, relacionar a noção de mediador ou “actante pleno” com o que seria seu correspondente semiótico: uma terceiridade plena, ou um signo genuíno – que, na semiótica, é composta por um objeto (determinante da tríade), um signo (entendido como “mediador”, no sentido latouriano) e um interpretante (uma tradução do signo em outro signo). Já o intermediário ou “actante degenerado” corresponderia a uma terceiridade degenerada, uma transmissão de ações, composta por duas secundidades em cadeia: uma do objeto (dotado de potencial prévio) para o signo (tomado como “intermediário”, no sentido latouriano), e outra deste para o interpretante (efeito previsível). O diagrama abaixo ilustra essa hipótese.

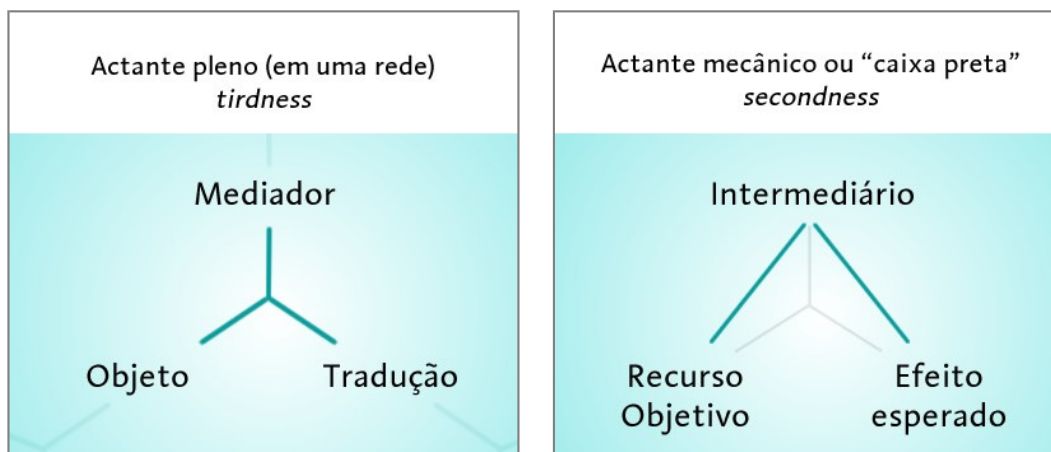


Figura 1: diagrama dos tipos de actantes (actante pleno e actante degenerado) que expressam tipos de mediação.

A leitura teórica acima, que associa conceitos de dois sistemas teóricos distintos (semiótica e teoria ator-rede), permitiu identificar que a ponte entre a parte “objetiva” e a “subjéitiva” é feita por um signo ou actante, que pode ser mediador (genuíno) ou intermediário (degenerado), mas que, de todo modo, é fundamental para passar de um modelo dualista (sujeito-objeto) para um modelo triádico (objeto-signo-interpretante), sem o qual os processos mentais associativos em geral não poderiam ser explicados de modo satisfatório.

## Reflexões sobre o digital a partir da mediação e do sociotécnico

A partir do exposto, propomos destacar o mecanismo reticular que pode surgir do fundamento cognitivo não-dualista para além da esfera puramente humana. Essa reticularidade para além do humano parece especialmente relevante para as reflexões antropológicas relacionadas à cultura digital. No texto *Desafios contemporâneos para a antropologia no ciberespaço* (2012), Theophilos Rifiotis defende um alargamento nas concepções de agenciamento para além da esfera humana. O argumento do autor defende a tese de que a antropologia do ciberespaço deve evitar tratar os objetos técnicos como exteriores aos seres humanos (abordagem típica do período moderno), mas deve incluir os hibridismos e a agência não-humana. O texto resgata autores clássicos da cibercultura e da noção de ciborgue, como Arturo Escobar e Donna Haraway, bem como autores clássicos da reflexão sobre a técnica, como Marcel Mauss (e a tese do corpo como instrumento “técnico natural”). A partir dessas referências e da abordagem capaz de ver o objeto técnico como prova de um fato social, Rifiotis argumenta que se sujeitos e objetos estão intimamente conectados uns aos outros, então os sujeitos não devem tratar o objeto técnico como se lhes fosse exterior.

Portanto, entendo que tratar os objetos técnicos em termos de uma pretensa exterioridade como é pressuposto nas noções de “uso”, “apropriação” e “representação” é limitar os debates e as consequências da conexão entre o sujeito e o objeto já anunciadas por Marcel Mauss. (RIFIOTIS, 2012 p. 570)

Diante desse cenário, o texto de Rifiotis busca apoio nos estudos de Bruno Latour, para quem há uma tensão típica do projeto da modernidade entre a purificação (atitude moderna de simplificação e redução) e a tradução (atitude de proliferação de híbridos) (ibid., p. 571). Rifiotis (ibid.) toma a TAR como uma “sociologia pós-social”, como uma sociologia das associações de atores, isto é, uma sociologia que estuda a produção social da ação. Tal abordagem não pretende rivalizar com as abordagens clássicas da sociologia, mas deve ser útil para situações de inovação social, em que novas fronteiras, requeridas pelas alterações no tecido social, ainda não estão demarcadas, tal como acontece nas dinâmicas emergentes do ciberespaço.

A clara referência a uma sociologia pós-social, no sentido de que não se trata de considerar o social como um domínio especial e no qual a agência é exclusivamente humana, em Latour não é uma espécie de proposta radical de abandono da sociologia ou da antropologia. Trata-se antes de uma convocatória para concentrarmos o foco na

ação, e não nas figuras já pré-estabelecidas para a observação, e ele sublinha que isso seria especialmente relevante nas situações em que proliferam as inovações e onde as fronteiras entre os grupos de se encontram desestabilizadas. Em outros termos, o programa adequado para tais situações seria o de rastrear associações dos atores, ou seja, seguir os atores (humanos e não-humanos), ou seja, a produção do social em ação. (RIFIOTIS, 2012 p. 574)

Estudos em realidade aumentada, realidade mista, computação ubíqua, computação vestível, computação em implantes, ambientes inteligentes, sistemas cognitivos para computação móvel, estudos de semântica, modelização e raciocínio sobre o contexto, agenciamentos híbridos, raciocínio distribuído e compartilhamento ontológico definem uma nova dimensão cognitiva e epistemológica dos organismos ciborgues (SANTAELLA, 2007, p. 223). A cultura digital resulta não só em um momento emblemático para o humano, ressignificando atividades sociais, como também representa um estágio avançado no desenvolvimento de tecnologias, cada vez mais inteligentes, não apenas para executar tarefas mecânicas, perceptivas e sensórias, mas também cada vez mais capazes de interpretar e representar o mundo a si mesmas e para os actantes humanos e não-humanos das redes sociotécnicas.

### Referências bibliográficas

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Editora 34, 1994

\_\_\_\_\_. On technical mediation - philosophy, sociology, genealogy. **Fall**. 1994b, Vol. 3, 2.

\_\_\_\_\_. **Reagregando o Social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador : Edufba, 2012.

PEIRCE, Charles Sanders. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce - Electronic edition*. Cambridge, MA : **Harvard University Press**, 1931-1935. Vols. I-VI e VII-VIII.

\_\_\_\_\_. **Semiótica**. São Paulo : Perspectiva, 2005.

RIFIOTIS, Theophilos. Desafios contemporâneos para a antropologia no ciberespaço: o lugar da técnica. **Civitas**: Revista de Ciências Sociais. set-dez, 2012, Vol. n. 3, 12, pp. 566-578.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos**: como as linguagens significam as coisas. São Paulo : Cengage Learning, 2008.

\_\_\_\_\_. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo : Paulus, 2007.

